

## AMBIENTE



**PLANTACÃO** Trabalhadores cortam a vegetação invasora, para plantar a laurissilva nativa da ilha



**ATLAS** As equipas usam mapas militares com as coordenadas dos pontos que têm de observar



**PROCURA** Cada voluntário cobre três a oito pontos em quadrículas de um quilómetro quadrado



**REUNIÃO** À tarde as equipas encontram-se para a análise dos dados registados para o atlas

**Conservação** Cinquenta voluntários contaram pela segunda vez a população mundial do priolo, uma ave em risco de extinção

# Em busca do pássaro que só voa nos Açores

CARLA TOMÁS

Pouco passa das 6h30 quando Hugo Sampaio chega ao primeiro ponto de observação, depois de subir um pasto de ervas altas e ainda molhadas. Durante oito minutos, aguarda em silêncio no local assinalado no mapa (um dos seis a seu cargo) com os ouvidos e os olhos atentos em busca de priolos, a espécie de ave mais ameaçada da Europa, cujos únicos exemplares vivos do mundo vivem no Nordeste da ilha de São Miguel, nos Açores.

A quadrícula de um quilómetro quadrado que Hugo tem a seu cargo não é das mais povoadas por este passarinho de cabeça e cauda pretas, com pouco mais de 30 gramas de peso e 15-17 centímetros. Nos primeiros três pontos, Hugo apenas escuta o chilrear de pintassilgos ou de tentilhões e o mugir de vacas ao longe. Quase a chegar ao quarto local assinalado, na encosta sul do Planalto dos Graminhais, o jovem ouve então o piar nostálgico da estrela do dia. E, no local, vê um a voar na direção de uma mancha de floresta laurissilva.

Estas aves gostam das flores, frutos e sementes das espécies nativas, como a uva da serra ou o azevinho. Às 9h10, Hugo faz o único registo na sua ficha de campo. Pelo caminho vira mais três priolos, mas não contam para o recenseamento. “O facto de não os vermos não significa que não existam, mas sim que a abundância nesta zona é baixa”, esclarece o técnico da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), que conhece bem o terreno, apesar de a sua atividade diária estar relacionada com o impacto de aves nos aeroportos.

O jovem biólogo é um dos cerca de 50 voluntários e técnicos da SPEA, que numa manhã de final de junho ajudam a contar estas aves em risco de extinção,

para o segundo atlas mundial da espécie. Saber quantas são e como se distribuem na região ajuda a encontrar estratégias para conservá-las.

## Um atlas num dia

Este é um atlas peculiar, já que se concentra numa área confinada a 15.200 hectares (incluindo a Zona de Proteção Especial do Pico da Vara — Ribeira do Guilherme) no Nordeste micalense. “É cobrir, numa manhã, a população mundial de uma espécie que só vive numa região”, sintetiza Joaquim Teodósio, coordenador do Atlas do Priolo e do Projeto Laurissilva Sustentável da SPEA. O primeiro recenseamento foi feito nos mesmos moldes há quatro anos. Então estimou-se que existiriam ali cerca de mil priolos, ou seja, cinco vezes mais do que os referidos duas décadas antes, o que permitiu que o *Pyrhula murina* (nome científico) passasse da categoria de “criticamente em perigo” para só “em perigo”.

Em meados do século XX chegou a pensar-se que o priolo estava extinto. A invasão da ilha com plantas exóticas, como as criptomérias, os incensos ou as conteiras, e o facto de os agricultores correrem a chumbo de caçadeira os priolos que gostavam de comer as flores dos laranjais fizeram com que a espécie quase desaparecesse.

Mais para leste, na serra da Tronqueira, Sílvia tem mais “sorte” nas contagens: “Vi um e ouvi três”, conta satisfeita a botânica catalã, 27 anos, que participa como estagiária, financiada pelo programa Eurodyssée. O seu grupo percorreu o coração do *habitat* do priolo, onde predomina a flora nativa (como loureiros e ginjeira-do-mato) e contou 60, entre as 6h30 e as 11h, mas apenas um terço nos pontos predefinidos.

Depois do almoço, as equipas juntam-se na sede do Centro Ambiental do Priolo para comparar e analisar os dados e verificar as falhas. Entre os participantes contam-se biólogos, investiga-

dores universitários, ornitólogos e observadores amadores de aves, de várias profissões.

No dia seguinte ainda terão de repetir alguns dos pontos e tentar chegar aos locais “impossíveis” (de muito difícil acesso) incluídos na área de recenseamento. No total contaram 104 priolos, em 52 dos 307 pontos observados, e mais 300 fora deles, sem valor estatístico para o atlas. São “números ligeiramente superiores aos do atlas de 2008”, sublinha Joaquim Teodósio. A estimativa real de quantos exemplares por aqui ainda voam fica para daqui a umas semanas, já que a complexa equação vai ter de cruzar muitas variáveis. O cansaço visível no rosto dos voluntários é compensado pela sensação de trabalho cumprido.

ctomas@expresso.imprensa.pt

\*A jornalista viajou a convite da SPEA com o apoio do Governo Regional dos Açores

## TRÊS PERGUNTAS A

Jaime Ramos

Investigador da Universidade de Coimbra e vogal da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA)

**Foi o primeiro cientista a descrever o habitat e as ameaças do priolo, em finais dos anos 90. Vinte anos depois, que balanço faz?**

É com grande satisfação que vejo que os dados que recolhi, entre 1991 e 1994, para o doutoramento (tendo por base informação de investigadores ingleses), permitiram avançar com projetos da SPEA para salvar o priolo (cuja população tem vindo a aumentar) e o seu *habitat* (que é a floresta laurissilva nativa), que o priolo ajuda a replantar com a dispersão de sementes.

**Como é que o priolo apareceu em São Miguel e porque não migrou para outras ilhas?**

Não se sabe ao certo como chegou aqui. Sabe-se que não existe em mais lado nenhum do mundo e que é uma espécie que não voa grandes distâncias nem migra para outras paragens.

**Porque é que esta espécie continua tão ameaçada, já que a população tem vindo a crescer?**

O nível de risco não depende só do número da população, mas também das condições em que esta se encontra. Neste caso, todos os exemplares da espécie vivem num único sítio. Se houver uma tempestade violenta ou a erupção de um vulcão, toda a população pode ser dizimada e assim extinguir-se de um dia para o outro.

## Projetos em risco por falta de apoio

**SPEA e governo regional procuram alternativas à ajuda de Bruxelas**

O trabalho de uma década de recuperação da população de priolo e da floresta laurissilva açoriana pode estar em risco. Este ano, chega ao fim o financiamento comunitário Life para a Laurissilva Sustentável (uma parceria da SPEA com a Secretaria Regional do Ambiente e do Mar e a Câmara Municipal da Povoação), que deu continuidade ao anterior Life-Priolo (2003-2008).

Mas nem a SPEA nem o governo regional sabem como vão continuar a financiar o trabalho no terreno, uma vez que Bruxelas fechou a torneira. Os dois Life anteriores — galardoados com os prémios Best of the Best, da União Europeia — receberam cerca de €4,5 milhões, que ajudaram a dinamizar a economia local. “Estes projetos são dos poucos que permitiram que uma espécie passasse do estatuto de ‘criticamente em perigo’ para ‘em perigo’, e não continuar este trabalho pode deitar tudo a perder”, sublinha Luís Costa. O diretor-executivo da SPEA lembra que, “além dos valores ambientais alcançados (aumento populacional do priolo, replantação de 300 hectares de floresta nativa, fixação de carbono e purificação da água), os projetos permitiram o desenvolvimento socioeconómico da região, criando emprego e atraindo turismo”.

Agora, a SPEA e o governo regional dos Açores procuram novos financiamentos públicos e privados para este “projeto meritório”, nas palavras do diretor regional do Ambiente, João Bettencourt. Entre as hipóteses na mesa estão os fundos comunitários Interreg e Pró-convergência e a possibilidade de uma nova candidatura ao programa Life em 2013. O objetivo é, pelo menos, não perder os resultados obtidos até aqui no terreno e assegurar alguns postos de trabalho. C.T.

